

INTRODUÇÃO

(...) Mas, agora sim, estou realmente certo do espanto dos ouvintes: “existe então- perguntarão- uma sexualidade infantil?” “A infância não é, ao contrário, o período da vida marcado pela ausência do instinto sexual?” Não meus senhores. Não é verdade certamente que o instinto sexual, na puberdade, entre no indivíduo como, segundo o Evangelho, os demônios nos porcos. A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provêm, através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixa-las passar despercebidos ou incompreendidas é que é preciso considerar- se grave” (FREUD, 1970, p.39;40 apud NUNES; SILVA, 2000, p.46)

A teoria psicanalítica sugeriu que a personalidade é mais estabelecida aos cinco anos de idade. As primeiras experiências desempenham um grande papel no desenvolvimento da personalidade e continuam a influenciar o comportamento mais tarde na vida.

Então **o que acontece durante cada estágio de desenvolvimento psicosssexual?** E se uma pessoa não consegue progredir através de um estágio completamente ou favoravelmente? Se essas etapas psicosssexuais são concluídas com êxito, uma personalidade saudável é o resultado. Se certas questões não são resolvidas na fase adequada, fixações podem ocorrer. **A fixação é um foco persistente em um estágio psicosssexual.** Até que este conflito seja resolvido, o indivíduo mantém-se “preso” nesta fase. Por exemplo, uma pessoa que está fixada na *fase oral* pode ser mais dependente dos outros e pode buscar estimulação oral através de fumar, beber ou comer.

Desse modo, Freud estabeleceu os períodos e fases e acreditava que as crianças passavam durante suas vidas, fases que eram interrompidas com a chegada de outra nova fase.

¹ Professor Universitário, Psicanalista, Doutorando em Psicologia, Mestre em Educação (Pesquisa em Formação Psicanalítica e Educação). Coordenador do Núcleo de Formação de Psicanalistas e Mestres em Psicanálise. Co-coordenador da Clínica Social de Psicanálise – Instituto GAIO. Contato: consultoriodr.aeuzebio@gmail.com ou Instagram: <https://www.instagram.com/aeuzebio.psi>

Freud descreveu a evolução da sexualidade de um indivíduo **durante sua infância** propondo a ideia radical de que o desenvolvimento sexual não começa na puberdade, **mas sim muito antes, na infância**. “instinto sexual” de Freud é de fato um “instinto sensual” pois ele considerava não apenas os órgãos genitais, mas qualquer parte do corpo onde as sensações poderiam ser focadas (zonas erógenas).

Estágio	Faixa etária	Zona erógena	Características
Estágio Oral Surgimento do Ego	0 a 1 ano	Boca	<ul style="list-style-type: none"> • Prazer centrado na região da boca e na ingestão de comida • Mastigar, sugar, morder e engolir são as principais fontes de prazer • Essas ações reduzem a tensão • Conflito surge quando as necessidades orais da criança não são atendidas
Estágio Anal	1 a 3 anos	Controle dos intestinos e bexiga	<ul style="list-style-type: none"> • Retenção das fezes até que sua eventual eliminação torne-se prazerosa • Exercício dos músculos do ânus é fonte de prazer
Estágio Fálico Surgimento do Superego	4 a 6 anos	Genitais	<ul style="list-style-type: none"> • Prazer centrado nos órgãos genitais • Auto-manipulação é a principal fonte de prazer • Identificação com os pais do mesmo sexo reduz a tensão • Genitais são o centro de gratificação e a criança desenvolve atração pelos pais do sexo oposto • Complexo de Édipo, Angústia da castração, inveja do pênis
Estágio Latente	6 anos até puberdade	Sentidos sexuais estão inativos	<ul style="list-style-type: none"> • Prazer centra-se na interação social • Idade escolar
Estágio genital	Puberdade em diante	Interesse sexual maduro	<ul style="list-style-type: none"> • A fonte de prazer é alguém fora da família • Conflitos não resolvidos nos estágios anteriores resurgem

Todos os indivíduos passarão por essas fases acima na infância!

Frustração, Excesso e Fixação e as fases de desenvolvimento psicosssexuais

Algumas pessoas são incapazes de superar um estágio e passar para o próximo. Uma das razões para isso pode ser que as necessidades do indivíduo em desenvolvimento não foram supridas de modo adequado e, nesse caso, ocorre frustração. Ou as necessidades foram tão bem satisfeitas que a pessoa reluta em deixar para trás os benefícios psicológicos de um dado estágio, ocorrendo assim excesso. Tanto a frustração quanto o excesso (ou alguma combinação dos dois) podem levar ao que os psicanalistas chamam de fixação em um

estágio psicosssexual particular. Fixação refere-se à noção teórica que uma parte da libido da pessoa é investida permanentemente em um (ou mais) estágio particular de seu desenvolvimento. Assim a pessoa irá exibir comportamentos característicos da infância.

De acordo com Freud, as crianças passam por cinco fases de desenvolvimento:

I – A fase oral (0 – 1 ano)

Desde o nascimento, Freud afirma que a primeira fase de desenvolvimento de uma criança se concentra na região oral. Tendo como exemplo principal foco a amamentação da mãe, a criança obtém prazer no momento da sucção e sente satisfação com a nutrição proporcionada pelo ato. Caso a amamentação fosse interrompida precocemente, o autor afirmava que a criança teria atitudes suspeitas, não confiáveis ou sarcásticas, enquanto aquela que for constantemente amamentada terá uma personalidade confiante e ingênua. Com duração de um ano a um ano e meio, a fase oral termina com na época do desmame.

II – A fase anal (1 – 3 anos)

Após receber orientações sobre higiene íntima, a criança desenvolve uma obsessão para com a região anal e o ato de brincar com as próprias fezes. Freud afirmava que a criança vê esta fase como uma forma de se orgulhar das suas "criações", o que levaria à personalidade "anal expulsiva". A criança poderia também propositadamente reter seu sistema digestivo como forma de confrontar os pais, o que levaria à personalidade "anal retentiva". Esta fase tem duração de um a dois anos.

III – A fase fálica (3 – 5 anos)

De acordo com o psicanalista, a fase fálica é a mais crucial para o desenvolvimento sexual na vida de uma criança. Ela se concentra nos órgãos genitais - ou a falta deles, se a criança for do sexo feminino - e os complexos de Édipo ou Electra surgiram. Para um homem, a energia sexual é canalizada no amor por sua mãe, levando a sentimentos de inveja (às vezes violentos) contra o pai. Geralmente, no entanto, o menino aprenderá a se identificar com o pai, em termos de órgãos genitais correspondentes, reprimindo assim o complexo de Édipo. Por outro lado, o complexo de Electra, embora Freud não tenha

sido tão claro assim, principalmente diz respeito ao mesmo fenômeno, porém invertido, para as meninas. Esta fase dura de três a quatro anos.

IV – O período de latência (5 anos – puberdade)

Freud dizia que o período de latência no desenvolvimento da criança não é um período psicosssexual, mas sim uma fase de desejos inconscientes reprimidos. Neste período, a criança já superou o complexo da fase fálica e, embora desejos e impulsos sexuais possam ainda existir, eles são expressos de forma assexuada em atividades como amizades, estudos ou esportes, até o começo da puberdade.

V- A fase genital (puberdade e vida adulta)

Segundo Freud, na fase genital, a criança mais uma vez volta a sua energia sexual para seus órgãos genitais e, portanto, em direção às relações amorosas. Ele diz que esta é a primeira vez que uma criança quer agir de acordo com seu instinto de procriar. Os conflitos internos típicos das fases anteriores atingem aqui uma relativa estabilidade conduzindo a pessoa a uma estrutura do ego que lhe permite enfrentar os desafios da idade adulta. Neste momento, meninos e meninas estão ambos conscientes de suas identidades sexuais distintas e começam a buscar formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É observável que as pulsões sexuais não se realizam por inteiro até que se dê a culminância da fase genital. Antes disso a organização sexual é parcial, isto é, a erotização ou está voltada para a boca (fase oral), para o ânus (fase anal) ou para o pênis (fase fálica), sem contudo significar uma realização sexual genitalizada. Bem por isso é que Freud denominou tais etapas de pré-genitais, ocorrendo o direcionamento da pulsão sexual integral somente quando da fase genital.

Deste contexto, pode se extrair duas expressivas consequências, que se bem entendida pelos cuidadores das crianças, evitar-se-iam problemas psíquicos porvindouros. Ei-las:

a) enquanto o sujeito está na fase pré-genital, como mencionado acima, a erotização volta-se à uma determinada região corporal mais específica (zona erógena), entretantes, estas descargas sexuais não significam qualquer indício de cópula. Então, se um adulto ver duas crianças de sexo oposto tirando suas roupas, não deverá olhar tal ato com a visão pornográfica, mas sim com uma percepção de que eles apenas estão se conhecendo, por estarem, possivelmente, na fase fálica.

O mesmo raciocínio dá-se com a masturbação infantil, que geralmente escandaliza mães e pais, que, se soubessem sobre a pré-genitalização entenderiam que esta fricção nada tem com uma idéia sexual-genital, mas sim está ligada a uma erotização desaguadora de prazer, tão somente isso.

b) Na fase genital, esta sim, abarcada pelo direcionamento da pulsão sexual completa, com alvo na organização sexual também otimizada, o interesse do sujeito, divorcia-se de um até então auto erotismo, para a busca de objeto sexual diverso de si. Ocorrendo aí a procura dos grupos para neles, por meio de um processo de identificação, encontrar auto afirmação, mormente em famílias mais castradoras.

REFERÊNCIAS

Fadiman, James & Frager, Robert (1976), **Teorias da Personalidade**, São Paulo, HARBRA, 1986.

Freud, S. **Resumo das Obras Completas**. Rio de Janeiro. São Paulo. Livraria Atheneu, 1984.
Zimerman, D. E. (1999). **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed.

NUNES, César. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.